



Gilvan Ventura da Silva
João Carlos Furlani
(organizadores)

ESPAÇO, REPRESENTAÇÃO E PODER NO MUNDO ROMANO



ANTITITES
EDITORA

**ESPAÇO, PODER E
REPRESENTAÇÃO NO
MUNDO ROMANO**

GILVAN VENTURA DA SILVA
JOÃO CARLOS FURLANI
(ORGANIZADORES)

**ESPAÇO, PODER E
REPRESENTAÇÃO NO
MUNDO ROMANO**



ANTÍTESES
EDITORA

© 2024 Antíteses

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte da obra, por qualquer meio, sem autorização da editora, constitui violação da LDA n° 9.610/98.

Diretores da coleção 'Lux Antiquitatis'

Gilvan Ventura da Silva (Ufes)

Érica Cristhyane Morais da Silva (Ufes)

Conselho editorial

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (UFF)

Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)

Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes)

Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)

Fábio de Souza Lessa (UFRJ)

Fábio Duarte Joly (Ufop)

Margarida Maria de Carvalho (Unesp)

Renan Frighetto (UFPR)

Thiago Eustáquio Araujo Mota (UPE)

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica

Antíteses Editorial

Revisão

Antíteses Editorial

CTP, impressão e acabamento

GSA Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Espaço, representação e poder no mundo romano / Gilvan Ventura da Silva; João Carlos Furlani (organizadores). Vitória: Antíteses, 2024.
(Coleção *Lux Antiquitatis*).

244 p. ; il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-83142-01-6

1. Cidade 2. Espaço 3. História 4. Arqueologia. 5. Mundo Antigo I. Gilvan Ventura da Silva. II. João Carlos Furlani III. Título.

CDU: 94(37)

CDD: 930

SUMÁRIO

- 11 Apresentação
 Os organizadores
- 13 *Libertas e concordia: Cícero e a construção do divino em
 De domo sua*
 Claudia Beltrão da Rosa
- 37 *Fisci iudaici calumnia sublata: repensando a damnatio memoriae de
 Domiciano (96-98)*
 Irlan de Sousa Cotrim
- 53 Celebrar o milênio em família: os mil anos de Roma e os tipos
 monetários *saeculum novum* sob o governo de Filipe (séc. III)
 Moisés Antiqueira
- 73 A identidade corporal do aristocrata na África Proconsular:
 a *physiognomonía* em Apuleio e nos mosaicos de Tisdro (séc. II-III)
 Edjalma Nepomoceno Pina
- 99 Celebrações da morte em Isola Sacra: estruturas ediculares e
 suas relações familiares na Necrópole do Porto
 Luciane Munhoz de Omena
- 121 As propriedades apotropaicas das gemas mágicas no Egito
 tardio segundo os *Papiros Mágicos Gregos* e a cultura material
 Hariadne Soares da Penha

- 143 Ascetismo feminino na Antiguidade Tardia: o impacto da
caridade cristã na paisagem urbana
João Carlos Furlani
- 163 Enclausuramento no espaço monástico e progresso espiritual na
Antiguidade Tardia: João Cassiano e a cultura material
Larissa Rodrigues Sathler
- 183 A gestão das vilas romanas na tradição arqueológica europeia:
o Projecto das Carvalheiras em Braga, Portugal
José Alejandro Beltrán-Caballero e Ricardo Mar
- 215 Das ruas aos espaços: uma análise arqueológica da
urbanização de *Bracara Augusta*
Fernanda Magalhães, Letícia Ruela e Lara Fernandes
- 241 Sobre os autores

ABREVIATURAS

SIGLAS

<i>CIL</i>	<i>Corpus Inscriptionum Latinarum</i>
<i>IK</i>	<i>Inchriften griechischer Städte aus Kleinasien</i>
<i>PGM</i>	<i>Papyri Graecae Magicae</i>
<i>RIC</i>	<i>Roman Imperial Coinage</i>

OBRAS

Agostinho de Hipona

<i>De civ. Dei</i>	<i>De civitate Dei</i>
--------------------	------------------------

Ambrósio de Milão

<i>De vid.</i>	<i>De viduis</i>
<i>De virg.</i>	<i>De virginitate</i>
<i>Virgb.</i>	<i>De virginibus</i>

Anônimo

<i>Vit. Olymp.</i>	<i>Vita Olympiadis</i>
--------------------	------------------------

Apuleio

<i>Apol.</i>	<i>Apologia</i>
<i>Flor.</i>	<i>Florida</i>
<i>Met.</i>	<i>Metamorphoses</i>
<i>Mund.</i>	<i>De Mundo</i>

Aristóteles

<i>Pol.</i>	<i>Politica</i>
-------------	-----------------

Cícero

<i>Amic.</i>	<i>De Amicitia</i>
<i>Att.</i>	<i>Epistulae ad Atticum</i>
<i>Cat.</i>	<i>In Catilinam Orationes</i>
<i>Dom.</i>	<i>De domo sua</i>
<i>Har. resp.</i>	<i>De haruspicum responso</i>
<i>Leg.</i>	<i>De legibus</i>
<i>Leg. agr.</i>	<i>De lege agraria</i>
<i>Sest.</i>	<i>Pro Sestio</i>

Cipriano de Cartago

<i>De hab. virg.</i>	<i>De habitu virginum</i>
----------------------	---------------------------

Dião Cássio

<i>Cass. Dio</i>	<i>Historia Romana</i>
------------------	------------------------

Dion de Prusa

<i>Or.</i>	<i>Orationes</i>
------------	------------------

Eusébio de Cesareia

<i>Hist. Eccl.</i>	<i>Historia Ecclesiastica</i>
<i>Vit. Const.</i>	<i>Vita Constantini</i>

Filóstrato

<i>Vit. Soph.</i>	<i>Vitae Sophistarum</i>
-------------------	--------------------------

Flávio Josefo

<i>Bel. Iud.</i>	<i>Bellum Iudaicum</i>
------------------	------------------------

Gregório de Nissa

<i>De virg.</i>	<i>De virginitate</i>
-----------------	-----------------------

Jerônimo

<i>Ep.</i>	<i>Epistolae</i>
------------	------------------

João Cassiano

Coll.

Collationes patrum

Inst.

De coenobiorum institutis

João Crisóstomo

Ad vid. iun.

Ad viduam iuniorem

De non iter. con.

De non iterando connubio

De virg.

De virginitate

Máximo de Tiro

Or.

Orationes

Pacômio

Reg.

Regula ad monachos

Paládio de Helenópolis

Hist. Laus.

Historia Lausiaca

Platão

Resp.

Respublica

Plínio, o Jovem

Pan.

Panegyricus Traiano Dictus

Plínio, o Velho

Nat. Hist.

Naturalis Historia

Plutarco

Alc.

Alcibiades

Cíc.

Cicero

Polemon de Laodiceia

De Physiog.

De Physiognomia Liber

Pompônio Mela

Cor. *Corografia*

Salústio

Cat. *Bellum Catilinae*

Scriptores Historiae Augustae

Hist. Aug. *Historia Augusta*

Sócrates de Constantinopla

Hist. Eccl. *Historia Ecclesiastica*

Suetônio

Aug. *Divus Augustus*

Dom. *Domitianus*

Tib. *Tiberius*

Tácito

Ann. *Annales*

Tertuliano

Ad uxor. *Ad uxorem*

De virg. *De virginibus velandis*

Textos eclesiásticos

Const. apost. *Constitutiones apostolorum*

Didasc. apost. *Didascalia apostolorum*

Tito Lívio

Per. *Periochae*

DAS RUAS AOS ESPAÇOS: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DA URBANIZAÇÃO DE *BRACARA AUGUSTA*

FERNANDA MAGALHÃES

LETÍCIA RUELA

LARA FERNANDES

INTRODUÇÃO

A cidade de Braga apresenta, na atualidade, traços morfológicos dos diferentes períodos históricos da sua ocupação. Fundada no século I a.C., a cidade do Alto Império possuía um traçado ortogonal que irá subsistir em alguns setores da cidade, apesar das inevitáveis transformações que o plano urbano vai sofrendo, até o adentrar da Idade Média, período no qual a urbe passará por significativas alterações, como a diminuição da área cercada pela muralha e a centralização do perímetro urbano no setor nordeste da cidade romana.

Na realidade, apesar das modificações resultantes do avanço das construções sobre os espaços viários na Antiguidade Tardia, mas também da abertura de novas ruas sinuosas na Idade Média, as investigações realizadas acerca do urbanismo de Braga na longa duração permitem perceber que ainda no período moderno se preservam traços da morfologia urbana romana, nomeadamente a parte norte do *cardo maximus* (Ribeiro, 2008; Martins; Ribeiro, 2013). Dessa forma, torna-se evidente a relevância do estudo do

traçado das ruas da cidade romana, tendo em vista que o sistema viário urbano constitui o principal suporte físico à mobilidade na cidade, acompanhando, por isso, todo o fenómeno urbano desde a sua génese, resultante, tal como a cidade, da conformação de dois fenómenos, a natureza e o homem (Pelletier, 1982; Silva, 2010).

O estudo do sistema viário urbano reclama o conhecimento da cidade, porque é esta que lhe dá contexto, assim como a análise da cidade exige uma abordagem dos seus componentes urbanos, como as vias ou os caminhos. Em termos gerais, o estudo da cidade histórica integra parte do conhecimento sobre as transformações das sociedades, uma vez que permite questionar o seu passado e a sua evolução, devendo ser entendido como factos e artefactos históricos (Martins; Ribeiro, 2009/2010; Capel, 2002).

Assim, elegemos como caso de estudo a cidade de Braga, analisando a evolução das vias na *civitas* romana fundada por Augusto, no século I a.C., a partir dos dados arqueológicos, seleccionados de modo a possibilitar a identificação dos dois principais eixos viários de *Bracara Augusta*. As fontes arqueológicas, capazes de datar e caracterizar o sistema viário de Braga, evidenciam parte das grandes transformações ocorridas na dinâmica urbanística e nos espaços de circulação da cidade. Neste trabalho faremos uso dos dados provenientes das escavações realizadas, em Braga, no âmbito do Projeto de Salvamento de *Bracara Augusta*, da responsabilidade da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM), que conta com mais de 40 anos de investigações e centenas de zonas arqueológicas intervencionadas. Trata-se de dados que abarcam uma ampla cronologia desde o século I a. C até à época moderna. Porém, de forma mais sistemática, analisaremos os dados de duas zonas arqueológicas que contribuem para a formalização das interpretações relacionadas com os eixos viários da cidade de *Bracara Augusta*, que seguiriam os padrões das cidades fundadas *ex novo*.

Dessa forma, os casos de estudo são a ‘Zona Arqueológica da rua do Alcaide, n.ºs 18-20’, cuja identificação da cloaca

máxima possibilitou a definição do setor nascente do *decumanus maximus*, arruamento muito pouco conhecido. Por outro lado, a ‘Zona Arqueológica da rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168’, situada imediatamente a norte da ‘Zona Arqueológica da Escola Velha da Sé’, e por isso são apresentadas em conjunto, cujo contributo relaciona-se com a identificação de vestígios referentes aos períodos romano e tardo-antigo de um quarteirão a norte do *forum*, bem como do lajeado referente ao principal eixo viário que cortava a cidade no sentido N/S (Fontes *et al.*, 2020; Magalhães, 2019; Mendonça, 2019).

Para dar prosseguimento à concretização deste objetivo foi necessário entender o sistema viário como elemento constituinte do plano urbano, conjuntamente com os quarteirões, o parcelamento e o edificado (Figura 1). A importância das ruas

FIGURA 1 - Localização das intervenções analisadas na malha urbana romana e baixo medieval



Fonte: UAUM.

na malha urbana situa-se tanto na sua função, enquanto eixo de comunicação e circulação, como na sua condição de condicionante do crescimento e das transformações morfológicas que ocorrem nas cidades. Inserido neste último processo toma-se como exemplo a cidade de Braga, na qual a rede viária romana se constituiu como um eixo estrutural da conformação da cidade medieval e das áreas periféricas (Ribeiro; Martins, 2016).

○ ESTUDO DA MORFOLOGIA URBANA: O PLANO ORTOGONAL

Sem dúvida, as ruas desempenham um papel central e funcional na conceção do espaço urbano, tendo em vista que condicionam a sua evolução num sentido de interdependência entre os restantes componentes das cidades, nomeadamente os quarteirões, parcelas e edifícios (Capel, 2002). No entanto, a sua característica estrutural, atuando como meio de comunicação, passagem e movimento relaciona-se também com outras funcionalidades, como um local de circulação de ideias, políticas, demonstrações religiosas e, ainda, uma ponte para as reivindicações sociais e comerciais (Capel, 2002; Lefebvre, 2002).

Assim, o estudo do sistema viário urbano está condicionado ao seu contexto, integrando as transformações das sociedades, que refletem na forma como se organizam enquanto estrutura urbana, bastante evidente em cidades com uma longa ocupação histórica (Ribeiro, 2008; Capel, 2002). Em relação à estrutura das vias urbanas, observa-se um contraste marcante entre as ruas retas e uniformes e as vias de traçado irregular, distinção que pode também refletir os modelos de crescimento das cidades, ora planeado, ora de natureza espontânea. O desenho ortogonal, marcado por ruas que se cruzam perpendicularmente, destaca-se como um modelo predominante em contextos de urbanização planeada. A sua ampla propagação ocorreu no Império Romano, como método eficaz para a distribuição e organização espacial das cidades, apesar das primeiras organizações urbanas com um plano ortogonal terem

surgido na região do Vale do Indo, por volta do III milênio a.C. (Capel, 2002; Mumford, 2004).

A prática de estabelecer novas cidades com uma malha ortogonal teve suas raízes nas colônias gregas, especialmente na Jônia, a partir do século VI a.C. (Mumford, 2004). Dentre as figuras responsáveis pela sistematização da racionalização do plano ortogonal destaca-se Hipódamo de Mileto, ao desenvolver a sua teoria, na qual a cidade era entendida como um todo integrado, com os seus componentes organizados e distribuídos de maneira racional e funcional (Pelletier, 1982). O plano hipodâmico foi adotado de forma sistemática em diversas cidades de fundação grega a partir do século IV a.C., após a sua aplicação na cidade de Mileto, exercendo influência sobre as cidades etruscas e romanas (Capel, 2002; Morris, 1992).

Logo, o sistema ortogonal do plano urbano romano, ligado às dinâmicas da conquista e estruturação territorial, foi amplamente utilizado na fundação de novas cidades, visando à propagação, à padronização e à assimilação dos valores imperiais nas comunidades das regiões conquistadas. A aplicação do traçado linear tem forte representatividade em Timgad, no norte de África, compreendida como ponto central (*decussi*), onde eram implantados os eixos viários principais, o *cardo maximus*, no sentido Norte-Sul, e o *decumanus maximus*, que corria a E/O. Com base nessas duas ruas principais desenvolviam-se os eixos secundários, com a mesma orientação, responsáveis pela limitação dos restantes espaços urbanos, posteriormente ocupados por edifícios públicos e privados (Pelletier, 1982; Morris, 1992; Capel, 2002). Para além dos alinhamentos viários, as cidades de fundação *ex novo* beneficiavam de uma série de infraestruturas, como a implantação de um sistema de captação, transporte e drenagem das águas (Mumford, 2004). No âmbito da vida urbana, a implantação de equipamentos com usos sociais, recreativos, económicos e políticos também possuíam funções representativas dos ideais imperiais e dos poderes locais, como os teatros, anfiteatros e balneários públicos. Estas dinâmicas podem ser compreendidas ao se analisar a cidade

de Braga, através da racionalidade, hierarquia e planeamento da cidade fundada *ex novo* por Augusto (Morris, 1992; Ribeiro, 2008; Magalhães, 2019).

A identificação dos elementos que permitiram interpretar o urbanismo de *Bracara Augusta* evidencia parte das grandes transformações ocorridas na dinâmica urbanística e nos espaços de circulação da cidade, tornando assim possível datar e caracterizar o sistema viário de Braga na época romana. Por outro lado, as investigações arqueológicas em Braga estão limitadas pelos constrangimentos característicos da arqueologia praticada em meio urbano, com áreas intervencionadas de forma descontínua, reutilização de materiais romanos em construções de períodos subsequentes, destruições ocasionadas pela urbanização moderna, entre outros (Martins *et al.*, 2012). Ainda assim, e apesar dessas limitações, o conhecimento acerca do urbanismo e da arquitetura de *Bracara Augusta* é já bem significativo, tendo permitido, inclusivamente, a elaboração de uma proposta da malha urbana fundacional (Martins *et al.*, 2017), circunstância que se traduz imprescindível para a elaboração do nosso trabalho.

BRACARA AUGUSTA

Inaugurada no século I a.C., pelo imperador Octávio César Augusto, a cidade de *Bracara Augusta* originou-se durante o processo de estruturação e pacificação do Noroeste da Península Ibérica. Exercendo um papel crucial na afirmação da autoridade imperial na região, após o fim das guerras cantábricas, e a urgente necessidade de assimilar as comunidades nativas residentes na região, a cidade foi subsidiada por uma rede viária que tornou possível a comunicação com os diferentes centros urbanos romanos provinciais e a sua capital, assim como observado no mapa a seguir (Martins, 2009).

Esse processo fundacional terá contemplado os habituais ritos de fundação, herdados dos etruscos, em conjugação com a

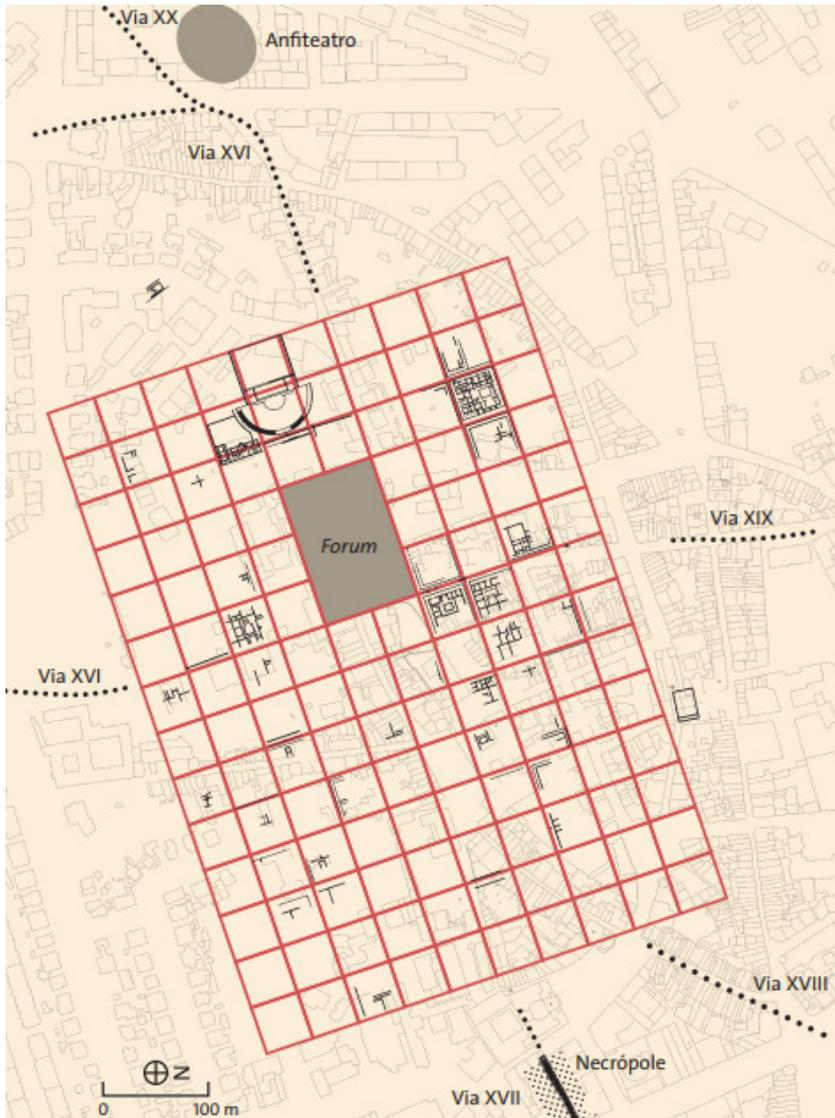
FIGURA 2 - Distribuição administrativa da Hispânia com os limites provinciais e conventuais



Fonte: Martins, Magalhães e Botica (2018).

materialização da cidade no território, exigindo um planeamento da paisagem urbana. A concretização do projeto urbanístico demandava um programa adaptado ao território e às características sociais e económicas da população, o que pressupõe que a conformação urbana poderia estar relacionada com uma projeção idealizada em colaboração com o corpo civil (Martins; Magalhães; Botica, 2018). Embora as evidências arqueológicas para caracterizar os primeiros anos pós-fundacionais sejam escassas, as intervenções realizadas, em Braga, ao longo das últimas décadas permitiram elaborar uma proposta da organização urbana da cidade estabelecida por Augusto, em finais do século I a.C. (Figura 3). Com orientação NNO/SSE, o plano fundacional de *Bracara Augusta* consistia num modelo planimétrico regular, com um intervalo de aproximadamente 156 pés entre os eixos das ruas, dimensionando lotes quadrados, com cerca de 120 pés de lado (Martins *et al.*, 2017; Martins; Magalhães; Botica, 2018).

FIGURA 3 - Proposta de restituição da malha urbana fundacional



Fonte: Martins, Magalhães e Botica (2018).

Assim, a malha urbana da cidade romana era organizada a partir de dois eixos viários principais, o *cardo maximus* (*cardo* C9) e o *decumanus maximus* (*decumani* D5 e D6), como parece ser evidenciado a partir dos dados arqueológicos identificados na cidade de Braga,

nomeadamente pórticos, ruas, infraestruturas de saneamento e edificados (Magalhães, 2019). Estas vias, com uma largura estimada em 24 pés, comunicavam-se com o grande centro urbano romano, o *forum*, cujas fontes iconográficas do século XVI apontam a sua localização para os arredores da atual capela de S. Sebastião, como parece ser referido no mapa de *Braunio* (Martins *et al.*, 2017; Martins; Ribeiro, 2013). A organização da restante malha urbana foi definida com a projeção dos *cardines* e *decumani menores*, com larguras aproximadas de 12 pés, que se dispunham perpendicularmente aos eixos viários principais, formalizando quarteirões regulares, onde foram inseridas as unidades construídas de caráter privado e público (Magalhães, 2019; Martins *et al.*, 2017).

A ZONA ARQUEOLÓGICA DA ESCOLA VELHA DA SÉ/RUA FREI CAETANO BRANDÃO N.ºS 166-168

DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO

Os trabalhos arqueológicos na ‘Zona Arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão n.ºs166-168’ decorreram em dois lotes contíguos, intervencionados em diferentes fases, mas devido à disposição dos seus vestígios foi entendido que a análise conjunta das duas áreas traria uma maior proposta interpretativa (Figura 4). Logo, a relevância destas intervenções vincula-se à identificação de estruturas referentes ao período romano e tardo antigo de um lote residencial (quarteirão A), inserido a noroeste do *forum* de *Bracara Augusta*, que possibilitou a confirmação do plano urbano proposto para a cidade fundada por Augusto (Ribeiro, 2008; Martins *et al.*, 2017; Magalhães, 2019). Por outro lado, de cronologia mais tardia foram também registadas duas estruturas defensivas medievais, que desarticularam a ocupação romana, evidenciando as transformações urbanas de Braga numa longa cronologia.

Apesar de estes vestígios se afastarem cronologicamente do tema proposto, é importante ter em consideração estas referências

FIGURA 4 - Localização da ‘Zona Arqueológica da Escola Velha da Sé’ na topografia atual da cidade de Braga



Fonte: Magalhães (2020).

mais tardias, tendo em vista que os processos construtivos das muralhas alto e baixo medievais terão ocasionado a destruição e o saque das estruturas relativas às *domus* que ocupavam os quarteirões limítrofes à área recém muralhada. Portanto, a muralha fernandina é disposta paralelamente à primeira cerca medieval, rompendo a *domus* identificada nos dois lotes contíguos que formalizam a ‘Zona Arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168’ (Ribeiro, 2008; Magalhães, 2019).

A primeira fase da intervenção (Figura 4), ocorrida no setor identificado por ‘Escola Velha da Sé’ entre 1998 e 2003, sob coordenação do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de

Braga, permitiu a identificação de uma *domus* do período flávio, intensamente remodelada entre finais do século III e inícios do IV (Magalhães, 2010; 2019).

Posteriormente, já em 2015, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM) interveio, nos lotes n.ºs 166-168, da rua Frei Caetano Brandão, lote imediatamente a norte à Zona Arqueológica da Escola Velha da Sé, como evidenciado na Figura 5, onde foi identificada a continuação de algumas estruturas registadas na intervenção anterior.

FIGURA 5 - Identificação do setor intervencionado na Zona Arqueológica da rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168 na planta atual de Braga



Fonte: Magalhães (2020).

O estudo e a interpretação destas intervenções possibilitaram o registo de duas habitações, datadas do período flávio, instaladas

no quarteirão a poente do *cardo maximus* (C9) e a norte do *decumanus* D3. Estas unidades domésticas apresentavam-se com uma forma algo retangular e posteriormente foram integradas em um único complexo habitacional. A descrição desses espaços residenciais é restrita devido aos escassos vestígios, relacionados com a implementação das cercas medievais. No entanto, permitiram a identificação de partes de uma área porticada a nascente do quarteirão, que terá sido profundamente transformada numa fase posterior, com a implantação de um balneário (Magalhães, 2019).

CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS VIÁRIAS

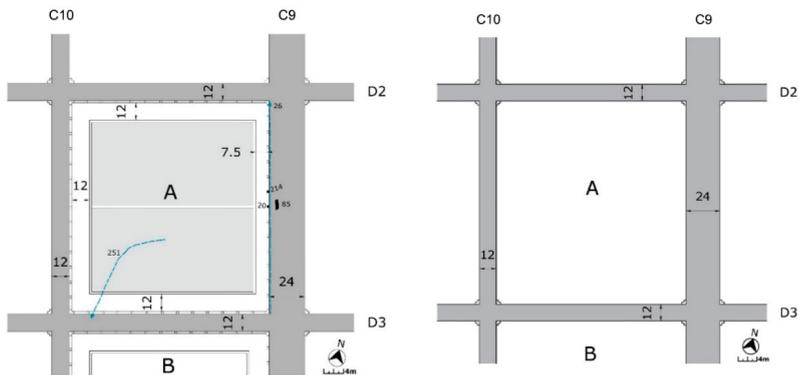
A importância da ‘Zona arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168’ prende-se com os elementos identificados que permitiram a confirmação de uma malha urbana regular para *Bracara Augusta* (Martins *et al.*, 2017), nomeadamente a orientação de um quarteirão e a continuidade de parte dos seus eixos viários.

Ao período de Augusto é atribuída a primeira fase ocupacional deste quarteirão inserido a norte do *forum* romano, embora a identificação de vestígios arqueológicos referentes a esse período seja exígua. Logo, o momento de implantação da malha urbana fundacional está definido no traçado dos eixos viários a partir de silhares que seriam incorporados às colunatas dos pórticos dos edifícios posteriores (Magalhães, 2019).

O quarteirão A (Figura 6) era então circundado por quatro eixos viários, os *cardines* C9 e C10 e *decumani* D2 e D3, entre os quais apenas foram identificados elementos unicamente de dois arruamentos, o *cardo maximus* C9, que ladeava a unidade construída a nascente, e o *decumanus* D3 a sul. A topografia do local revela um declive de aproximadamente 2.00m de Norte a Sul, com altitudes de 186.20m no cruzamento das ruas a sudeste da área construída e 184.20m no ponto de encontro das ruas, a nordeste (Magalhães, 2019). Embora para os eixos de comunicação que limitariam o

espaço a Oeste e a Norte não tenham sido identificados vestígios, neste estudo são assumidos com uma largura de 12 pés (3.60m), o que corresponde à medida padrão para as vias secundárias em *Bracara Augusta* (Martins *et al.*, 2017).

FIGURA 6 - Plano urbano fundacional (esq.) e planta interpretativa da ocupação flávia (dir.) da ‘Zona arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168’



Fonte: Ruela (2023).

Assim, quanto ao *cardo maximus* C9, foi registado ao longo dos trabalhos arqueológicos o pavimento (Figura 7) constituído por lajes de granito polidas com talhe retangular dispostas no sentido N/S, correspondendo a uma repavimentação deste importante eixo viário de *Bracara Augusta* (Mendonça, 2019). O dimensionamento desta rua não pode ser determinado devido ao seu estado de degradação, mas para o qual se propõe um dimensionamento de aproximadamente 24 pés (7.24m), correspondente à estimativa realizada para essa rua na ‘Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital’ (Lemos; Leite, 2000; Torres, 2014).

Entre os séculos III e IV o troço norte da fachada nascente da *domus* avançou sobre o *cardo maximus*, ocasionando um estreitamento, tendência que aparece em outros setores da cidade romana na fase tardo-antiga, tal como exposto na Figura

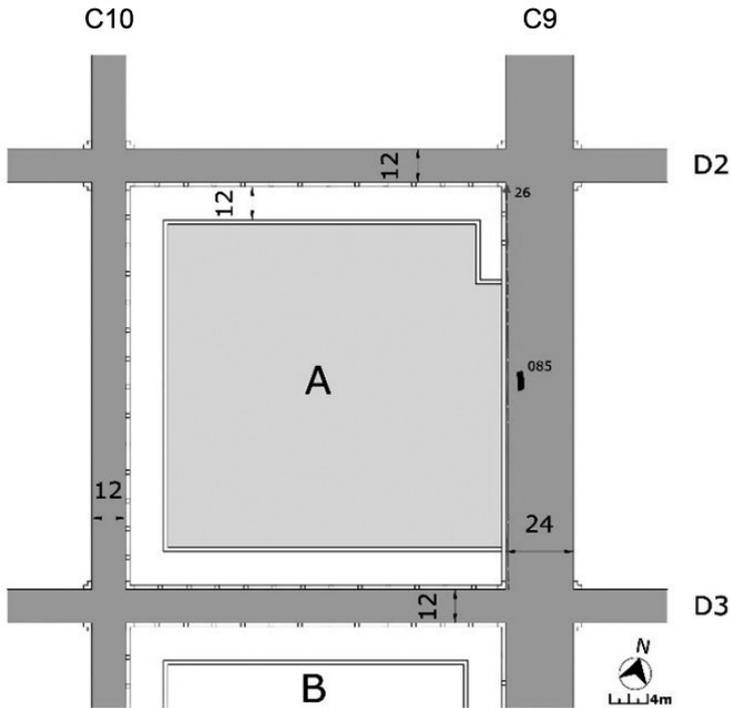
8 (Mendonça, 2019; Magalhães, 2019). Por fim, as dimensões do *decumanus* D3 foram determinadas a partir do limite sul do quarteirão A e do limite norte do quarteirão B, com 12 pés de largura, cerca de 3.60m (Magalhães, 2019).

FIGURA 7 - Fotografia do lajeado do *cardo maximus* (UE085)



Fonte: UAUM.

FIGURA 8 - As transformações do século IV no quarteirão identificado na ZA da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168



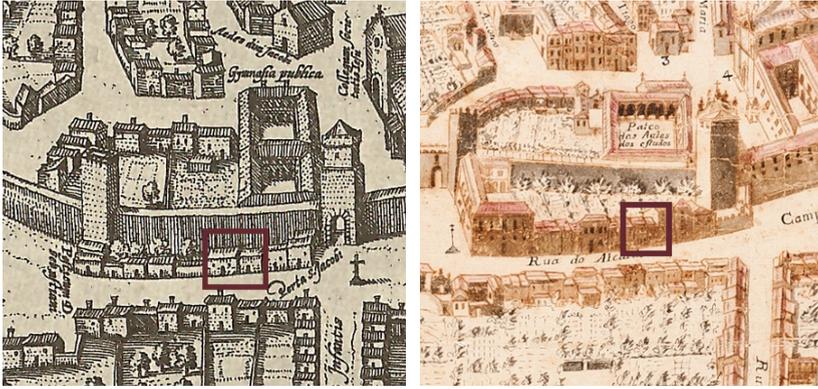
Fonte: Magalhães (2023).

A ZONA ARQUEOLÓGICA DA RUA DO ALCAIDE N.ºS 18-20

DESCRIÇÃO DA INTERVENÇÃO

Entre 2016 e 2020 decorreram as escavações na ‘Zona Arqueológica da rua do Alcaide, n.ºs 18-20’, de modo a verificar o registo e preservação de eventuais vestígios arqueológicos com valor patrimonial, histórico e científico. As condicionantes associadas a esse terreno estavam relacionadas com a sua localização junto ao traçado sul da muralha baixo medieval e nas proximidades da área do *forum* de *Bracara Augusta*, assim como observa-se na Figura 9 a seguir (Magalhães *et al.*, 2017; Fontes *et al.*, 2020).

FIGURA 9 - Localização da 'Zona Arqueológica da rua do Alcaide n.ºs 18-20' no Mapa de Braunio (1594) e na iconografia elaborada por André Soares (1755)



Fonte: UAUM.

Junto ao limite meridional do lote foi identificada uma robusta infraestrutura de drenagem, que corria sob a rua do Alcaide no sentido E/O. A escavação deste importante elemento permitiu o reconhecimento da cloaca máxima, que corria sob o *decumanus maximus*, facto que condicionou o seguimento do plano de obra definido para esse terreno, visto se tratar de uma estrutura de elevado valor arqueológico e patrimonial (Fontes *et al.*, 2020).

CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRUTURAS HIDRÁULICAS

A realização de escavações nesta área arqueológica revelou uma importante estrutura hidráulica associada ao sistema de drenagem da cidade romana de *Bracara Augusta* (Figura 10). Os trabalhos arqueológicos revelaram se tratar de um troço da cloaca romana que corria no sentido E/O por cerca de 14.50m, seguindo o alinhamento do *decumanus* D6, com altura de 1.10m e 0.85m de largura (Fontes *et al.*, 2020). Estas dimensões seriam então muito semelhantes à cloaca máxima identificada na 'Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital', elemento de drenagem implantado sob o *cardo maximus* (Lemos; Leite, 2000).

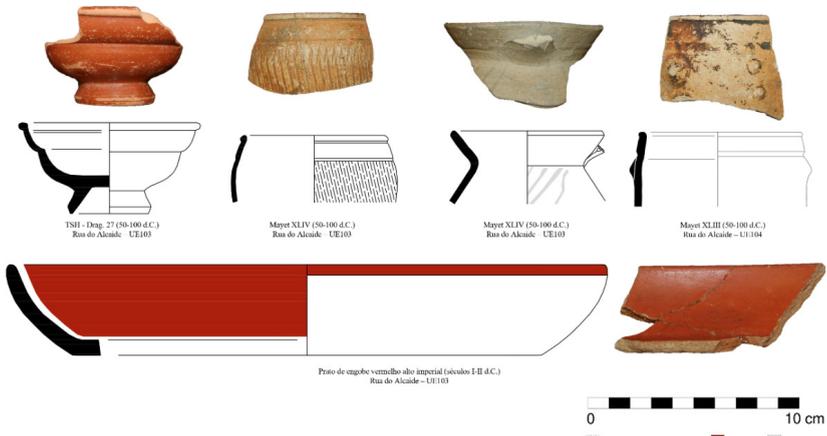
FIGURA 10 - Registo dos alçados norte e sul da cloaca



Fonte: UAUM.

A decapagem dos níveis que recobriam essa importante estrutura revelou as paredes norte e sul, estruturadas em material granítico de aparelho *opus vittatum*, com argamassa em saibro, e o seu lastro formado por lajes em granito e argamassa com base do mesmo material (Figura 11). Por outro lado, os enchimentos identificados no interior dessa estrutura permitiram o reconhecimento dos níveis associados ao seu abandono bem como a camada que representa a sua utilização (Fontes *et al.*, 2020; Ruela, 2023).

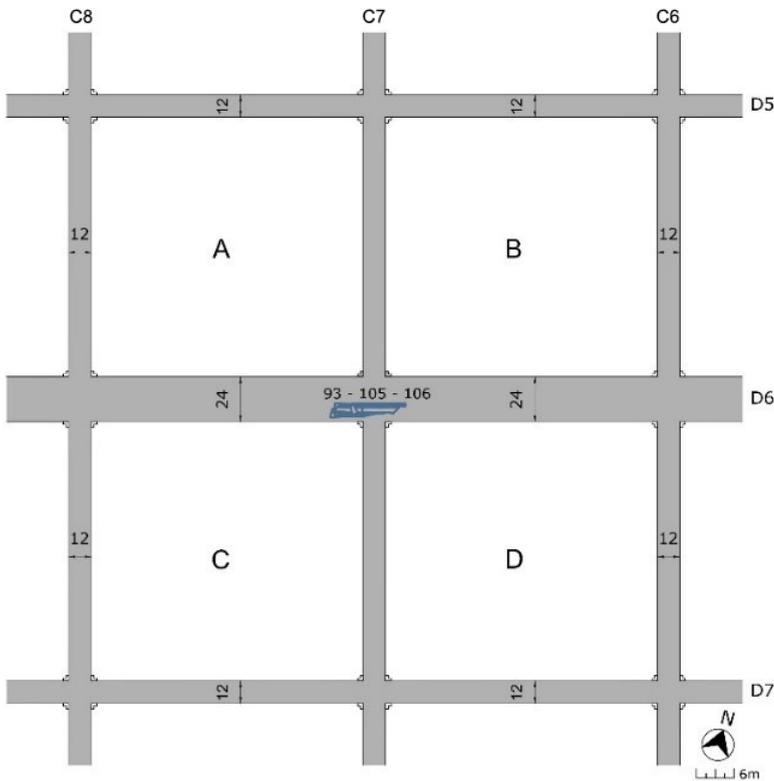
FIGURA 11 - Cerâmicas identificados nos níveis de utilização e abandono da cloaca máxima da 'Zona Arqueológica da rua do Alcaide n.ºs 18-20'



Fonte: UAUM.

A cloaca parece estar associada aos estágios iniciais de urbanização de *Bracara Augusta*, datada, portanto, do período júlio-cláudio (Figura 12). Essa associação remete à outra grande estrutura de drenagem localizada sob o *cardo maximus* C9, identificado tanto na Zona arqueológica da rua Frei Caetano Brandão n.ºs 183-185/Santo António das Travessas n.ºs 20-26', quanto na 'Zona arqueológica do Ex Albergue Distrital' (Mendonça, 2019; Magalhães, 2019; Lemos; Leite, 2000).

FIGURA 12 - Planta interpretativa Fase I da 'Zona Arqueológica da rua do Alcaide n.ºs 18-20'



Fonte: Ruela (2023).

Logo, a cloaca romana, reconhecida no limite sul do lote correria sob o possível troço nascente do *decumanus maximus* da cidade

fundada por Augusto, o que revela a importância desse elemento para o estudo da morfologia urbana do período fundacional, contribuindo para a discussão em torno dessa importante rua (Figura 13) (Martins *et al.*, 2017; Ruela, 2023).

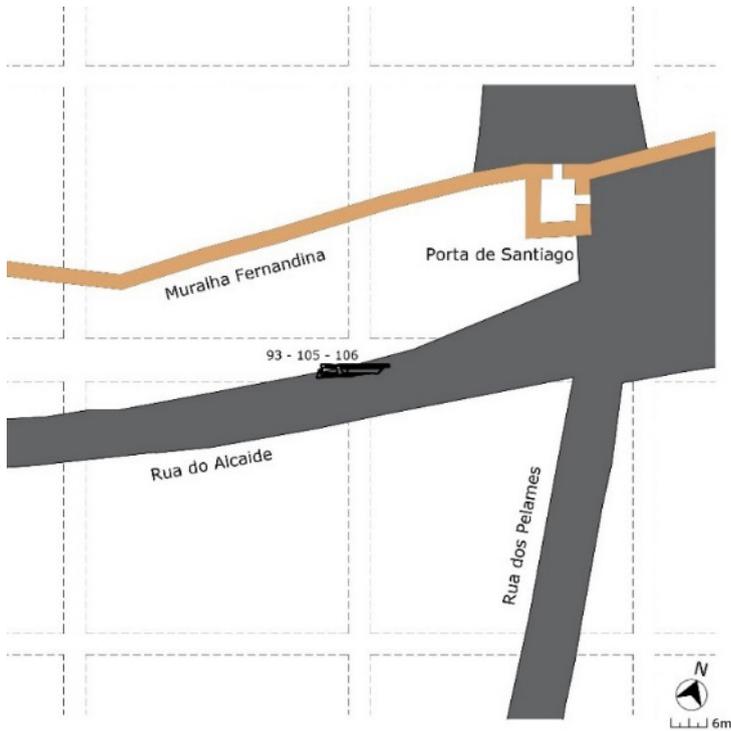
FIGURA 13 - Troço da cloaca romana identificado ao longo da intervenção arqueológica



Fonte: UAUM.

Por fim, a construção da muralha fernandina resultou na demolição completa da zona, subordinada pela área *non aedificandi*, exterior ao perímetro amuralhado, que configurava um fosso, correspondente a uma grande vala com pelo menos 2.5m de profundidade e 6.00m de largura. Este fosso ocasionou a destruição das estruturas remanescentes, o que impossibilitou a determinação da natureza de ocupação dos quarteirões, bem como o seu abandono. Posteriormente, para a implantação do edificado moderno esta área da cidade sofreu um grande nivelamento, associado ainda ao desmonte de parte da muralha baixo medieval, evidenciando a perda da sua função defensiva (Figura 14) (Ribeiro, 2008; Fontes *et al.*, 2020).

FIGURA 14 - Sobreposição dos arruamentos modernos nos eixos da cidade baixo imperial



Fonte: Ruela (2023).

CONTRIBUTO PARA O ESTUDO VIÁRIO DE *BRACARA AUGUSTA*

As cidades romanas de fundação *ex novo*, para as quais se reconhece a existência de um projeto urbanístico modular, que terá antecedido a sua fundação, ou seja, antes da materialização da cidade no território, exigiu um planeamento da paisagem urbana, levando em consideração as particularidades do terreno, bem como as necessidades sociais e económicas da comunidade, o que pode sugerir uma participação das autoridades locais na elaboração deste plano ideal (Martins; Magalhães; Botica, 2018).

Dessa forma, percebe-se que o alinhamento da malha romana terá se realizado ainda no século I a.C., a partir de componentes

que definiriam a projeção dos eixos viários, implantados ainda em época de Augusto, como os silhares que formalizavam os limites dos quarteirões. Estes silhares foram reconhecidos em diferentes zonas arqueológicas, reaproveitados em estruturas posteriores, como na ‘Zona Arqueológica da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168’, ou mesmo *in situ*, a exemplo daqueles registados na ‘Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital’ (Magalhães, 2019; Martins *et al.*, 2017).

No entanto, o processo de formalização de uma proposta de um módulo regular para *Bracara Augusta* vai muito além dos elementos datados de Augusto, visto que o que contribuiu de forma basilar para essa análise foram os vestígios relacionados com o sistema de abastecimento e saneamento, bem como a orientação dos edificad os alto e baixo imperiais, que foram identificados ao longo das últimas décadas. Entende-se que ainda no período júlio-cláudio a cidade foi dotada de um sistema de drenagem urbana, documentado a partir do reconhecimento das cloacas verificadas nas zonas arqueológicas da rua Frei Caetano Brandão 183-185/S. António das Travessas 20-26, do Ex Albergue Distrital e da rua do Alcaide n.ºs 18-20 (Lemos; Leite, 2000; Magalhães, 2019).

Entende-se que a conformação da paisagem urbana de *Bracara Augusta* possuiria os seus principais contornos, os eixos viários, estabelecidos na área planeada já na primeira metade do século I. Logo, as infraestruturas de drenagem contribuíram para a interpretação do plano urbano, visto que o elemento reconhecido na ‘Zona Arqueológica do Ex Albergue Distrital’ corria sob o *cardo maximus* C9, importante eixo de comunicação que cortava a cidade no sentido N/S. Da mesma forma, a designação do *decumanus* D6 como o setor nascente do *decumanus maximus* partiu também da descoberta da cloaca máxima da ‘Zona Arqueológica da rua do Alcaide’, estendendo-se no sentido E/O (Lemos; Leite, 2000; Fontes *et al.*, 2020).

Dessa forma, entende-se que o *decumanus maximus* de *Bracara Augusta* se desenvolveria ao longo de duas ruas, o *decumani* D5 e D6.

Apesar de não terem sido ainda identificados vestígios referentes ao eixo D5, que se desenvolvia a poente do *forum*, entende-se que o seu alinhamento estaria em parte preservado na atual rua de S. Sebastião, e que servia como ligação entre o centro da cidade romana e dois caminhos regionais importantes, a *via per loca maritima* (Via XX), que se articulava com o litoral, e um caminho que se desmembrava e seguia para Sul, ligando-se à Via XVI, que seguia para *Olisipo*, passando por *Cale* (Carvalho, 2008; Ribeiro; Martins, 2016; Martins *et al.*, 2017). Já o *decumanus* D6 corresponderia ao troço nascente do *decumanus maximus*, que se dirigia para a Via XVII, responsável pela ligação entre *Bracara Augusta* e *Asturica Augusta*, passando por *Aquae Flaviae* (Ribeiro; Martins, 2016; Martins *et al.*, 2017).

O *cardo maximus*, neste estudo identificado pelo *cardo* C9, desempenhava um papel crucial na organização das cidades romanas, conectando as saídas norte e sul à área do *forum* romano, sugerindo a sua integração em uma rede fundamental de comunicações, onde as dinâmicas económicas e sociais tiveram uma grande relevância (Ribeiro, 2008; Magalhães, 2019). Os vestígios desse importante eixo viário foram identificados nas zonas arqueológicas da Escola Velha da Sé/rua Frei Caetano Brandão n.ºs 166-168, do Ex Albergue Distrital e das Antigas Cavalariças, onde foi possível confirmar o seu traçado com uma largura estimada em 24 pés, cerca de 7.24m. O seu alinhamento foi definido a partir da identificação do complexo sistema de drenagem subjacente, bem como pela presença dos elementos que estruturavam a via, como silhares e os lajeados que pavimentavam a rua (Martins *et al.*, 2017; Magalhães, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as campanhas desenvolvidas em Braga, percebe-se a ausência de uma quantidade significativa de vestígios arqueológicos correspondentes aos primeiros anos pós-fundacionais da cidade romana, que por muitas vezes dialogam com uma antecipada ocupação, mas com uma natureza por muitas vezes de definição

complexificada, devido ao caráter limitado das estruturas correspondentes a esse primeiro período da cidade (Magalhães, 2019). No entanto, apesar dos constrangimentos, as intervenções arqueológicas em Braga ao longo das últimas quatro décadas permitiram a proposta de um plano urbano da cidade fundada por Augusto. A cidade possuiria uma planta retangular com quarteirões quadrados, formalizada com o cruzamento das ruas principais, a partir das quais foram marcados eixos perpendiculares.

Este módulo representava um conceito teórico de proporção e planeamento, mas que não corresponderia a uma padronização do fenómeno urbano, por isso é de tal maneira importante a sua restituição, visto que a urbanização e os processos históricos vividos pela cidade lhe deram forma, seja na orientação dos edificadros, ou no encerramento e abertura de eixos viários, bem como a instalação de estruturas que se adaptariam ao terreno, como é o caso dos pórticos em plataformas (Magalhães, 2019; Martins; Magalhães; Botica, 2018). A configuração regular do modelo ideal persiste no decorrer dos processos de urbanização da cidade Alto Imperial, atravessando as transformações ocorridas na transição da tardo-antiguidade e a cidade medieval, que deram origem aos arruamentos orgânicos e irregulares. Esse desenvolvimento espontâneo do plano urbano ocasionou a desarticulação de grande parte da antiga cidade romana, segmentada com o enclausuramento em uma área significativamente menor, delimitada pela muralha Alto Medieval (Ribeiro, 2008).

REFERÊNCIAS

- CAPEL, H. *La morfología de las ciudades: sociedad, cultura y paisaje urbano*. Barcelona: Serbal, 2002. v. 1.
- CARVALHO, H. *O povoamento romano na fachada ocidental do Coventus Bracarenensis*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Unidade de Arqueologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2008.

- FONTES, L.; MAGALHÃES, F.; MACHADO, D.; SILVA, L.; ALVES, A.; CATALÃO, S.; FERNANDES, L. Salvamento de Bracara Augusta. Projeto de remodelação e ampliação de edifício na Rua do Alcaide, nº 18-20, Braga. *Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M/Memórias*, n. 97, 2020.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- LEMOS, F.; LEITE, M. Trabalhos arqueológicos no logradouro da Casa Grande de Santo António das Travessas (ex Albergue Distrital): notícia preliminar. *Forum*, n. 27, p. 15-38, 2000.
- MAGALHÃES, F. *A domus romana no NO Peninsular*. Arquitetura, construção e sociabilidades. 2019. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Unidade de Arqueologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2019.
- MAGALHÃES, F. *Arquitetura doméstica em Bracara Augusta*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Unidade de Arqueologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2010.
- MAGALHÃES, F. Plantas interpretadas da análise das unidades domésticas de Braga. *Repositório de dados da Universidade do Minho*, V1, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34622/datarepositorium/PKGZIN>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- MARTINS, M. Bracara Augusta. Panorama e estado da questão sobre o seu urbanismo. In: DOPICO CAÍNZOS, M.; VILANUEVA ACUÑA, M.; CUBA RODRÍGUEZ, X.; RODRÍGUEZ ÁLVAREZ, P. (ed.). *Do castro á cidade: a romanización na Gallaecia e na Hispânia indoeuropea*. Lugo: Deputación de Lugo, 2009, p. 181-211.
- MARTINS, M.; MAGALHÃES, F.; BOTICA, N. O urbanismo fundacional de *Bracara Augusta* e *Lucus Augusti*. In: DOPICO CAÍNZOS, M.; VILANUEVA ACUÑA, M. (ed.). *Sine iniuria in pace vivatur: a construción do Imperio durante os xulio-claudios*. Lugo: Deputación de Lugo, 2018, p. 345-374.

- MARTINS, M.; RIBEIRO, J.; MAGALHÃES, F.; BRAGA, C. Urbanismo e arquitetura de *Bracara Augusta*. Sociedade, economia e lazer. In: RIBEIRO, M.; MELO, A. (ed.). *Evolução da paisagem urbana: sociedade e economia*. Porto: CITCEM, 2012, p. 29-68.
- MARTINS, M.; RIBEIRO, M. C. A arqueologia urbana e a defesa do património das cidades. *Forum*, v. 44-45, p. 149-177, 2009/2010.
- MARTINS, M.; RIBEIRO, M. C. Em torno da Rua Verde: a evolução urbana de Braga na longa duração. In: RIBEIRO, M.; MELO, A. (ed.). *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*. Porto: CITCEM, 2013, p. 11-44.
- MARTINS, M.; RIBEIRO, M. C.; RIBEIRO, J.; MAR, R. Topografia e urbanismo fundacional de *Bracara Augusta*. In: DOPICO CAÍNZOS, M.; VILLANUEVA ACUÑA, M. (ed.). *Roma nata, per Italiam fusa, in provincias manat*. A cidade romana no Noroeste: novas perspectivas. Lugo: Deputación de Lugo, p. 203-226, 2017.
- MENDONÇA, A. J. S. *Urbanismo e arquitetura de Braga (séculos I a XV): análise evolutiva da zona arqueológica da Escola Velha da Sé/Frei Caetano Brandão nº 166/168*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Unidade de Arqueologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2019.
- MORRIS, A. E. J. *Historia de la forma urbana: desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 1992.
- MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- PELLETIER, A. *L'urbanisme romain sous l'Empire*. Paris: Picard, 1982.
- RIBEIRO, M. C. *Braga entre a época romana e a Idade Moderna: uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana*. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Unidade

- de Arqueologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2008.
- RIBEIRO, M. C.; MARTINS, M. O papel das vias romanas na formação e desenvolvimento periférico da cidade de Braga, desde a época romana até à atualidade. In: CORREIA, J.; BANDEIRA, M. (ed.). *Os espaços da morfologia urbana: Atas da 5ª Conferência Internacional da Rede Lusófona de Morfologia Urbana*, PNUM 2016. Braga: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2016, p. 27-38.
- RUELA, L. *A evolução do sistema viário em Braga: desde a cidade romana à cidade moderna*. 2023. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Unidade de Arqueologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, 2023.
- SILVA, G. V. da. A apropriação do território urbano pelos cristãos no fim do Império Romano. In: CAMPOS, A. P.; SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P.; FELDMAN, S. A. (org.). *A cidade à prova do tempo: vida cotidiana e relações de poder nos ambientes urbanos*. Vitória: GM, 2010, p. 63-80.

SOBRE OS AUTORES

CLAUDIA BELTRÃO DA ROSA é professora titular da Escola e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, mestra em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro associado da UMR 8210 ANHIMA (Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques, Paris). Realizou ainda estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.

EDJALMA NEPOMOCENO PINA é mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES). Seu projeto de doutorado conta com financiamento da Capes.

FERNANDA MAGALHÃES é professora auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, doutora e mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho, diretora da licenciatura em Arqueologia da mesma instituição e investigadora integrada do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT) e do laboratório associado In2Past.

HARIADNE DA PENHA SOARES é mestra e doutora em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES) e docente da Secretaria Estadual de Ensino do ES.

IRLAN DE SOUSA COTRIM é mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador do Limes – Fronteiras Interdisciplinares da Antiguidade e suas Representações. Seu projeto de doutorado conta com financiamento da Fapes.

JOÃO CARLOS FURLANI é doutor e mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES). No momento, atua como professor voluntário do Programa de Pós-Graduação em História da Ufes, além de cumprir estágio de pós-doutorado com apoio da Fapes.

JOSÉ BELTRÁN-CABALLERO é pesquisador de pós-doutorado e membro do Seminari de Topografia Antica (Setopant) da Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha.

LARA FERNANDES é assistente convidada do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, licenciada e mestre em Arqueologia pela mesma instituição. É doutoranda em Arqueologia com o projeto intitulado “Dinâmicas económicas na cidade dos Arcebispos: comércio e consumo na modernidade”, financiado pela FCT, referência UI/BD/151427/2021.

LARISSA RODRIGUES SATHLER é mestra e doutoranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir/ES). Seu projeto de doutorado conta com financiamento da Fapes.

LETÍCIA RUELA é bolsista de investigação da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, licenciada em História com Menor em Arqueologia pela Universidade de Coimbra e mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho.

LUCIANE MUNHOZ DE OMENA é professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, doutora em História Social pela Universidade de São Paulo e mestra em História Social pela Universidade Estadual de Campinas, instituição na qual realizou seu pós-doutorado.

MOISÉS ANTIQUEIRA é professor associado A dos Colegiados de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade do Oeste do Paraná, doutor e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutor pela Universidade Federal do Espírito Santo. É vice-líder do Atrivm – Espaço Interdisciplinar de Estudos da Antiguidade e membro da International Network for Theory of History (INTH).

RICARDO MAR é professor titular de Arqueologia do Departamento de História e de História da Arte da Universitat Rovira i Virgili (Tarragona) e *doctor architecto* pela Universidade Politécnic da Catalunha (ETSAB).



Esta obra encerra, em seus capítulos, uma proposta de análise sobre a interação entre espaço, poder e representação na sociedade romana, enfatizando como essas categorias moldaram e foram moldadas pelas dinâmicas sociais, culturais e políticas. Contando com a colaboração de historiadores e arqueólogos, a coletânea investiga a maneira como os romanos – tanto os residentes da *Urbs* quando os provinciais – construíram e se apropriaram dos espaços urbanos e rurais em termos materiais e simbólicos. Os textos aqui reunidos abordam ainda a configuração dos espaços públicos e privados, lançando luz sobre como esses ambientes poderiam exprimir e reforçar as hierarquias e o controle social de determinados grupos. A coletânea também explora a interseção entre práticas e representações culturais, cuja apreensão é indispensável quando se trata de explicar a formação das identidades étnicas, religiosas e políticas sob o Império Romano, demonstrando como os arranjos espaciais encontravam-se intimamente ligados às dinâmicas do poder e da cultura.



LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O MUNDO ROMANO



LUX
ANTIQUITATIS



978-65-83142-01-6